

Violências vividas pela personagem feminina na novela “A toga manchada”, de Arthur Engrácio

Violence experienced by the female character in the novel “A toga manchada”, by Arthur Engrácio

Maria Rita Rodrigues Constâncio¹

Resumo: Objetiva-se analisar, a partir da teoria feminista, o modo como a violência contra a mulher é trabalhada esteticamente na novela “A toga manchada” (1988) de Arthur Engrácio, e também a construção do espaço de sua narrativa, cujo referente externo é a região amazônica. Primeiro texto da coletânea *Outras Estórias de Submundo* (1988), “A toga manchada” aborda as consequências oriundas da relação entre uma pobre pedinte, Rosa Maria, e um magistrado, escancarando as estruturas sólidas do patriarcado e colonialismo frente a invisibilidade e a subjugação feminina. Seja por questões econômicas e/ou de gênero, o poder e a violência são basilares na novela engraciana, o que testemunha o obscurecimento da mente de Rosa Maria. Esta parece mimetizar esteticamente as mulheres que historicamente habitam a região amazônica, vítimas de condições de vida aviltantes. Para o desenvolvimento da análise proposta, dialogaremos com estudos referentes à teoria feminista produzidos pela autora bell hooks (2021), que denuncia as estratégias de opressão, inibidoras da liberdade e discriminadoras da mulher; com o trabalho da autora Gerda Lerner (2019), que discute a subalternidade e a violência contra a mulher; com o trabalho do crítico da literatura amazônica, Marcio Souza (2019); com Regina Dalcastagnè (1996, 2005, 2012), que reflete sobre a raridade da presença de narradoras nos textos de literatura; e, por fim, lançaremos mão do trabalho produzido pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2021), que se dedica à problematização dos aspectos da dominação masculina, da condição feminina e da violência simbólica.

Palavras-chaves: Arthur Engrácio; Dominação masculina; Violência; Femicídio.

Abstract: The objective is to analyze, from a feminist perspective, how violence against women is aesthetically addressed in the novel “A toga manchada” (1988) by Arthur Engrácio, and also the construction of the space of its narrative, whose external referent is the Amazon region. First text of the collection *Outras Estórias de Submundo* (1988), “A toga manchada” deals with the consequences arising from the relationship between a poor beggar, Rosa Maria, and a magistrate, exposing the solid structures of patriarchy and colonialism in the face of female invisibility and subjugation. Whether for economic and/or gender reasons, power and violence are fundamental in Engrácio's novel, which witnesses the obscuring of Rosa Maria's mind. She seems to aesthetically mimic the women who historically inhabit the Amazon region, victims of degrading living conditions. For the development of the proposed analysis, we will dialogue with studies related to feminist theory produced by the author bell hooks (2021), who denounces the strategies of oppression, inhibitors of freedom and discriminators of women; with the work of the author Gerda Lerner (2019), who discusses the subalternity and violence against women; with the work of the critic of Amazonian literature, Marcio

¹ Mestra pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho. E-mail: mr.constancio15@gmail.com;
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3862-5199>.

Souza (2019); with Regina Dalcastagnè (1996, 2005, 2012), who reflects on the rarity of the presence of female narrators in literary texts; and, finally, we will use the work produced by the sociologist Pierre Bourdieu (2021), who is dedicated to the problematization of the aspects of male domination, the female condition and symbolic violence.

Keywords: Arthur Engrácio; Male domination; Violence; Femicide

Introdução

O autor Arthur Engrácio da Silva (1927-1997) nasceu no município de Manicoré, situado às margens do Rio Madeira, no Amazonas, em 16 de abril de 1927. Foi casado com Ana de Souza e dessa união nasceram quatro filhos. Engrácio realizou seu curso primário e médio em Manaus, tendo cumprido o curso de Direito até o quarto ano. Exerceu atividades no comércio, no serviço público e no jornalismo. Ele é contista, antologista, crítico, romancista e jornalista, exercendo a atividade jornalística em quase todos os jornais de Manaus. Seu nome está incluído na *Antologia da Cultura Amazônica* (2005) e na *Grande Enciclopédia da Literatura Brasileira Ilustrada* (1968), ambas organizadas pelo escritor e jornalista Carlos Rocque.

Arthur Engrácio foi um dos integrantes do Clube da Madrugada (CM), movimento de escritores e artistas que agitou a cultura amazonense no período de 1954 a 1972. O Clube era um movimento alimentado pelo “[...] desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais, e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas” (Engrácio, 2005, p. 47). Seu objetivo principal era o de acabar com o distanciamento cultural e literária existente entre o Sudeste e a região Norte, sobretudo porque São Paulo já vivia o modernismo. O Clube da Madrugada nasce, então, da inquietação de seus jovens fundadores ante a realidade provinciana que os sufocava e o desejo de renovação da mentalidade cultural e de transformação das condições de vida da sociedade da época (Engrácio, 2005, p. 15).

Arthur Engrácio, ao criar sua narrativa, parece mimetizar os personagens da realidade amazônica, seus modos de vida e de pensamento, sobretudo os da mulher invisibilizada. Ademais, como mencionado, a literatura engraciana alinha-se à luta de vários intelectuais preocupados em inovar a literatura amazonense, a cultura da região, a vida, a arte, bem como transformar as condições de vida dos povos da floresta.

Para o desenho de uma visão aproximada do que a região amazônica sofreu historicamente, vale observar a obra de Walter Ernest Hardenburg (2019)², *O paraíso do diabo: relato de viagem e testemunho ocular das atrocidades do colonialismo na Amazônia*, que aborda as violências inomináveis praticadas contra os nativos da região amazônica. A obra baseia-se em duas perspectivas igualmente ideológicas. A primeira é a visão colonizadora, sobre o manto da escravização dos indígenas, considerados preguiçosos e canibais; enquanto a outra trata da visão romântica do homem na selva amazônica, na qual o mito do bom selvagem é decalcado no indígena brasileiro.

Nesse sentido, identifica-se que a relação da mulher com a história, sobretudo da mulher amazônica, é uma relação de subordinação, de poder, de apagamento e de exclusão da sua história, cultura e de seus valores. Bem como de sua emancipação como participante da história na construção da humanidade, uma vez que é vista e tratada predominantemente sob a ótica sexista.

As relações entre o homem e a mulher no mundo ocidental, pautadas historicamente no pensamento androcêntrico, para provocar a intimidação, violência e usurpação de todos os direitos das mulheres subalternizadas, também são reproduzidas em ambiente ficcional. Nele se repete, agora esteticamente na personagem feminina engraciana, a instrumentalização da mulher, tantas vezes subjugada e objetificada pelos seus dominadores, tornada apenas um instrumento reprodutivo e/ou uma fonte de serviços sexuais.

Há, atualmente, várias legislações que restringem e punem severamente a ação masculina de violência contra a mulher, como a Lei n.º 13.104, de 9 de março de 2015, isto é, a Lei do Feminicídio; a Lei Maria da Penha, Lei n.º 11.340, que visa proteger a mulher da violência doméstica e familiar; a própria Constituição Federal de 1988, em seu art. 227, que visa subsidiar e proteger a família e as mulheres; e por fim, as Convenções Internacionais de Direitos Humanos, que obrigam os Estados a garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres. A violência contra a mulher, portanto, é um fato alarmante que permeia toda a sociedade, levando à cabo a vida de várias mulheres indefesas, assim como ocorre nas narrativas engracianas.

Os valores emancipatórios imbricados no fazer histórico são assim observados pelo escritor Márcio Souza (2019, p. 23): “[...] uma vez que tenhamos tais valores em mente, e

² Obra traduzida pelo Professor, Doutor Hélio Rocha do Departamento de Letras Estrangeiras da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

tenhamos entendido que o método histórico está disponível para todo o mundo, é preciso insistir na nossa própria história, olhar de frente as nossas verdades, as nossas opções ou a falta delas”. Assim, quando se discute a Amazônia, é necessário perceber os vários protagonistas e atores que chegaram à região e ali fizeram história, construindo sociedades diversas que não podem ser interpretadas por um único ângulo da história.

Este artigo incide sobre a narrativa engraciana, cuja malha ficcional abrange, especialmente, a mulher - parte do contingencial humano que habita as amazônias. O trabalho teve como objetivo analisar a personagem feminina submetida à violência na única novela de Arthur Engrácio, pertencente à obra intitulada: *Outras Estórias de Submundo* (1988), sob o título “A toga manchada” (1988), a fim de rastrear quais práticas da violência do patriarcalismo e machismo – movidas por motivos econômicos, políticos, culturais e de gênero – são reproduzidas no que toca à vida dos personagens da novela.

Para tanto, fez-se uma análise crítica interpretativa da novela engraciana, observando também os discursos e ações de seu personagem masculino, sob a perspectiva da teoria feminista e de crítica ao patriarcalismo. Nesse sentido, elaboramos uma revisão literária de autores que descrevem a invisibilização da mulher na sociedade ocidental, de onde se partiu para a compreensão do que ocorre com as mulheres na região amazônica em âmbito ficcional. Por fim, a análise crítica, interpretativa e a revisão literária constatarão o processo desumanizador subsumido na história e na literatura ficcional da região, no passado e no presente.

Salienta-se, ainda, que os motivos da escolha dessa obra literária, *Outras Estórias de Submundo* (1988), em específico a novela em questão, deu-se pelo fato de que as ações das personagens remetem diretamente ao submundo, o que oportunizou à pesquisadora analisar como a condição sub-humana interfere diretamente na vida da personagem feminina, levando-a à morte; de forma semelhante ao que vivenciam as mulheres brancas, negras, pobres, ricas ou burguesas que habitam na região Amazônica e em muitos lugares do mundo exterior da narrativa. Ou seja, no plano do real.

1 A novela “A toga manchada”

A obra, *Outras Estórias do Submundo* foi publicada em 1988, está subdividida em duas partes: sendo a primeira com o subtítulo: “Nos submundos de todos nós” com as

seguintes narrativas: “A toga manchada” (1988), “A morte de Dinoralva” (1988), “Possidônio, o Terrível”, (1988), “Consulta médica (1988)”, “Filho de Arigó” (1988), “A última noite” (1988), “Estória de um anel” (1988), “Carta meio ilógica para Elisa” (1988), “O apaixonado” (1988), “O castigo de Joaozinho” (1988), “Ronaldinho” (1988) e “O apupado” (1988). Já a segunda parte com o subtítulo “Cinco contos de bar”, encontram-se as narrativas: “A interminável ronda” (1988), “No bar, a curtição da fossa” (1988), “Os boêmios” (1988), “Argumento de boêmio” (1988) e “O último encontro” (1988).

“A toga manchada”, nosso objeto de análise, é um primoroso trabalho de Engrácio pelos aspectos psicológicos e pela intimidade com que o autor vasculha os submundos da alma de suas personagens. Trata-se de uma novela atemporal e naturalista, que possui uma linguagem simples, mas densa. A narrativa inicia-se com o personagem principal, Dr. Reinaldo, um juiz aposentado, contemplando sua triste realidade, afirmando não compreender o motivo de ter praticado tamanha violência contra sua amada. Uma vez que, como magistrado aposentado, outrora fora um homem sério e íntegro, com uma sabedoria sempre voltada para o bem comum. Podemos observar a confusão inicial do personagem no trecho a seguir: “[...] de uma hora para outra, vejo-me envolvido naquela trama imunda, naquele caso vergonhoso e triste” (Engrácio, 2005, p. 19). A vida do protagonista, é então, apresentada sem disfarces. Trata-se de um magistrado que aniquila a personagem feminina, Rosa Maria, ao assassiná-la brutalmente em nome da honra e do amor. Nesse sentido, uma atmosfera de ciúme impera a narrativa, surgindo nela aquela antiquada dicotomia dos sentimentos e do sentido de honra humanos.

Nos tempos hodiernos, tal como podemos observar nos meios sociais e de comunicação em massa, a violência contra a mulher continua a predominar e pensamentos como esses, contidos na prosa engraciana, são muito comuns. A literatura tem o poder de carregar realidades forjadas pela ficção, violentas ou não, e demonstrar ao leitor a possibilidade de transformação do mundo, tal como ela faz muitas das vezes no seu campo da invenção literária.

A narrativa engraciana segue relatando a trágica história do magistrado aposentado e bem-sucedido que em um belo dia recebe em sua porta Rosa Maria. Trata-se de uma garota de programa, de classe baixa e com apenas quinze anos, que chega à porta do juiz pedindo alimentos. Ao vê-la, o magistrado se apaixona loucamente pela moça e a convida para morar

com ele, juntamente com seu mordomo Maciel. Rosa Maria aceita. E assim inicia-se o seu envolvimento amoroso com o dono da casa.

Entretanto, Rosa Maria, mesmo após ter se envolvido sexualmente com o juiz, não se contenta com a vida que o magistrado lhe proporciona. Então começa a frequentar baladas noturnas, curtindo a vida com outros homens como outrora fazia. O seu mantenedor, não satisfeito com essas atitudes, procura-a nas ruas e bares. Encontrada, Rosa Maria se faz de desentendida e não atende aos apelos do magistrado que a convida para voltar para sua residência. Tal cena se repete inúmeras vezes. Mesmo seu amante tentando persuadi-la, era em vão. E a situação só piorava. Pois o juiz amava loucamente Rosa Maria, tinha ciúmes dela, não aceitava suas traições, mas também não conseguia controlá-la.

E Rosa não parava, dizia ao magistrado que também o amava, mas ficava constantemente com outros homens. Desta forma, o juiz, vencido pelos ciúmes e sua louca paixão ao vê-la se divertindo com outros homens todas as noites, decide assassiná-la.

Assim, no dia fatídico para Rosa Maria, o juiz mais uma vez sai a sua busca pelos bares e a encontra se divertindo com os amigos. Rosa, mais uma vez, recusa-se a ir com ele e seus parceiros acabam por dar uma surra no juiz ali mesmo. Enquanto dura o ato violento, ela nada faz. Apenas o ignora, envolvida nos braços de seus amigos. Em decorrência de tudo isso, o amante retorna a sua residência e prepara o assassinato da mulher.

Primeiramente, o juiz verifica se Maciel, seu mordomo, estava dormindo. Em seguida, começa a arrumar seus instrumentos de trabalho, isto é: algodão, vidro de clorofórmio e uma faca de cozinha. Depois de tudo preparado, se posiciona atrás da porta e fica aguardando Rosa Maria voltar de sua noitada. Rosa, ao abrir a porta, é surpreendida com uma mão tapando suas narinas com um chumaço de algodão embebido de clorofórmio, o que a faz cair ao chão. Em seguida é atingida com várias facadas. Completamente fora de si, ao mesmo tempo em que assassinava sua amada, o juiz também a beijava loucamente: “[...] cego pelo ódio, alucinado pelo ciúme, enfiava-lhe a arma num seio e beijava-lhe o outro, chamando-lhe baixinho o nome. Rosa só movia os olhos e soltava gemido fundo e doloroso” (Engrácio, 2005, p. 81).

Logo em seguida, ele arrasta o corpo ensanguentado da amada para o fundo do porão, colocando-o em cima de uma mesa velha com várias velas ao seu redor. No segundo dia, para não despertar a curiosidade dos vizinhos, banha o corpo da defunta com formol e perfume. O juiz passava o tempo todo velando e beijando a morta, até ser denunciado pelos vizinhos, que sentiram um cheiro estranho que vinha de sua residência. Ao ser levado para a delegacia, ele

confessa o crime bárbaro. Anos depois é solto por bom comportamento, mas ainda sofria com as lembranças e a saudade de sua amada.

Como podemos observar, a novela “A toga manchada” (2005) relata ficcionalmente a triste história de uma jovem que não teve tempo de se defender frente a brutalidade masculina, dialogando, assim, com a realidade de várias mulheres que têm o mesmo fim no plano do real. Mesmo com várias leis e políticas públicas, práticas de intervenção do Estado e de órgãos internacionais, as mortes e as agressões sofridas por mulheres em nossa sociedade se perpetuam. E, infelizmente, parece não haver a possibilidade de serem extintas.

Quanto ao título da novela em questão, cabe ressaltar que um juiz deve ter respeito e credibilidade pelo trabalho que desenvolve em prol da sociedade, agindo de forma imparcial e equânime, uma vez que a justiça não pode ser excludente e nem seletiva. Ele jamais deve decidir ou fazer algo no calor da emoção. Um juiz deve ser preparado para ser equilibrado, moderado e comprometido com o bem comum. Caso contrário, manchará sua toga, isto é, sua dignidade, o seu caráter. Como é o caso do personagem juiz da narrativa, que em virtude do ciúme hiperbólico, assassinou a sangue frio sua amante, tornando-se um criminoso.

No artigo intitulado “A função social da magistratura na contemporaneidade”, a juíza Oriana Piske (2013, p. 1), aponta:

[...] Dentro do sistema jurídico-constitucional vigente, deve a Magistratura desempenhar as seguintes funções básicas: solução de litígios, controle da constitucionalidade das leis, tutela dos direitos fundamentais e garante da preservação e desenvolvimento do Estado Constitucional e Democrático de Direito contemplado na Constituição de 1988.

Nesse contexto, dada a relevância da magistratura para a sociedade, compreende-se que aquela carece de homens preparados não só acadêmica, psicológica e/ou, espiritualmente, mas também integralmente, como um todo do indivíduo, visando a integração na vida individual e social das pessoas e objetivando o bem de todos.

Para a autora Lídia Reis de Almeida Prado (2010, p. 12):

[...] O juiz é um protagonista essencial na missão de edificar a ordem democrática de um Estado Democrático de Direito. Dele depende a concretização dos preâmbulos fundantes, de tudo aquilo que se incluiu na Carta Cidadã por força de um incontido anseio popular, após décadas de anomalia institucional.

Portanto, para Prado, o papel do magistrado ultrapassa o mero papel de interpretar as leis, uma vez que é necessário garantir tanto a normatividade quanto a efetividade das normas. Transformando, assim, o Direito na concretização da democracia social, para a promoção da justiça diante da heterogeneidade social contemporânea, a fim da resolução de conflitos de forma equânime, conforme ordenamento jurídico. Mas, infelizmente, não foi essa a realidade das práticas cruéis do magistrado, registradas na novela “A toga manchada” (2005), que assassinou brutalmente sua amante, contrariando, desta maneira, a postura adequada de um magistrado.

2 A personagem feminina na novela engraciana

A personagem feminina na prosa ficcional engraciana é efetivamente apagada e invisibilizada, vez que o narrador se refere à personagem Rosa Maria como objeto sexual, uma prostituta, uma mulher sem classe que o serve apenas para satisfazer seus desejos carniais. O tratamento dado à personagem Rosa Maria dialoga com a violência contra a mulher na região amazônica, demonstrando que desde os tempos remotos, os papéis dos homens e das mulheres são estigmatizados pela sociedade. O homem, com seu sexo viril e seu poder de macho e uma consciência preconceituosa construída pelo patriarcado, jamais poderia desenvolver atividades femininas. A mulher, por sua vez, foi constituída para ser dona de casa e procriar. Prisioneira de sua missão, isto é, de exercer a maternidade, não tinha sequer o direito do prazer sexual.

No fragmento a seguir, extraído do primeiro capítulo da novela em análise, testemunhamos como a relação do patriarcado sustenta e domina o poder do homem por meio de instituições como a família, a escola e até mesmo as leis. Estas são portadoras de ideologias já enraizadas na mente da sociedade e na história da humanidade. O narrador personagem convida a pedinte Rosa Maria, que acabara de conhecer, para morar em sua residência: “[...] estou falando sério, Rosa. Eu gostei muito de você e quero que você venha morar aqui comigo. Sou rico, tenho tudo para lhe dar, nem você nem sua mãe irão mais passar necessidades” (Engrácio, 2005, p. 22). Vejamos como a relação de poder é comum. Observa-se a vulnerabilidade de Rosa perante o seu algoz. Dr. Reinaldo (o magistrado) faz questão de enfatizar que é rico, ele compraria tanto a moça quanto sua mãe.

No texto de Engrácio está claro como a relação de poder é sentida pela personagem feminina, como ele nega e reforça a ideologia do patriarcado, desmotivando a mulher e fazendo-a acreditar na sua própria incapacidade. Uma realidade que vem se perpetuando desde tempos remotos. Fomos educadas a acreditar na nossa incapacidade e que necessitamos de proteção e de ajuda por parte dos homens para sobrevivermos.

De modo complementar, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2021, p. 12) registra:

[...] também vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do conhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Nessa seara, a violência simbólica exercida pelo poder patriarcal não existe apenas no âmbito da família, se estende também aos campos universitários, empresariais, no trabalho, nas ruas, e em outros diversos meios sociais em que várias mulheres são vítimas de seus abusadores, por meio de xingamentos, discriminação, subjugação e por constrangimentos. Situações em que a violência psicológica é tão devastadora quanto a física.

Como notamos na novela “A toga manchada” (1988), obra de literatura do século XX:

[...] No mesmo dia da sua chegada, levei-a às boutiques para adquirir as roupas de que precisava. Ela olhava tudo calada, esperando sempre que eu lhe indicasse o que deveria escolher. “Este vestido lhe fica bem” ou “este sapato é a última moda”, dizia-lhe. Rosa sorria contente e, à medida em que ia recebendo os embrulhos, apertava-me desajeitadamente a mão. [...] Sua situação de penúria, sem dúvida, não lhe permitiria ainda usufruir aquele prazer tão primário (Engrácio, 2005, p. 24).

Registra-se que a cultura da pobreza tem sido a porta para a massa marginal. Rosa pertencia a esse grupo dos vulneráveis e hipossuficientes. E na anomia em que vive a maioria das camadas desprestigiadas, oriundas de famílias desestruturadas, a personagem Rosa Maria era apenas mais uma das vítimas das desigualdades sociais. Tão logo tornou-se presa fácil do domínio masculino.

No enxerto a seguir, retirado do capítulo IV da novela engraciana, pode-se observar como o narrador pontua seus sentimentos e como enxerga a personagem feminina:

Rosa Maria, não obstante a pouca idade, era, já, uma mulher feita. Isso fazia com que me sentisse, ao seu lado menos inibido, esquecendo a diferença de

anos que nos separava. Na verdade, essa circunstância contraria pouco no nosso relacionamento. Subjugado pela paixão, dominado pela ideia do sexo, eu via nela, sobretudo, a fêmea, o objeto de prazer cujos deleites eu ansiava usufruir. Pouco me importava que dentro dessa mulher existisse um poço de vileza; que ela fosse a encarnação do pecado, da leviandade, como depois eu ficaria sabendo. O que me interessava era sabê-la ao meu lado, para aquecer-me nas noites de frio e por um pouco de alegria na minha solidão (Engrácio, 2005, p. 30).

Nessa passagem, o leitor percebe o início da degradação moral do protagonista, que é, gradualmente, dominado por uma paixão infame e por uma carência descontrolada. Daí a descrição que faz da personagem feminina como sua “[...] fêmea, o objeto de prazer” (Engrácio, 2005, p. 30). Rosa era apenas uma figura de desejo, um objeto para a sua satisfação sexual, o que difunde a imagem da mulher reificada, inferiorizada, refém do poder patriarcal. Trata-se da dominação masculina que é combatida pela teoria e movimento feministas, como se identifica nos estudos de bell hooks (2021), autora que luta pela liberdade da mulher.

Corroborando com o fragmento supramencionado, bell hooks (2021) afirma que a luta pela extinção da opressão e inferioridade contra a mulher “[...] ocorre a qualquer época onde quer que uma mulher ou um homem se erga contra o sexismo, contra a exploração sexista e a opressão” (hooks, 2021, p. 16).

A figura feminina de Rosa, adolescente, prostituta na ótica do narrador, é de uma mulher descriminalizada, marginalizada desde a tenra idade. Sem registro, sem história, sem passado. Com seus direitos negligenciados pela sociedade e pelo Estado, vítima do sexismo e da opressão masculina.

A novela segue pontuando como ocorrem as relações entre o modo de construção da sexualidade feminina, reconhecível na narrativa, e os embates, conflitos e violências que delineiam a mente masculina ao se deparar com os direitos femininos. A linguagem do narrador continua desqualificando a figura feminina, quando expõe: “[...] o que eu tinha em casa, não era mais uma mocinha bonita e atraente, porém, a prostituta decaída, sem predicado nenhum moral, que só desejava satisfazer as suas necessidades materiais” (Engrácio, 2005, p. 49). Observemos como o vocabulário desprestigia socialmente a figura feminina e fortalece a opressão econômica a que as mulheres das classes baixas são submetidas, separando-as entre si, aumentando cada vez mais as diferenças sociais, dificultando, assim, a formação de uma consciência feminista.

Portanto, é possível afirmar que são muitas as vozes desvalorizadas dos vulneráveis e, principalmente, das mulheres. Estas, muitas das vezes, são silenciadas em seus próprios ambientes familiares. Como é o caso da personagem Rosa Maria, vítima dos ciúmes de seu algoz, que pratica o feminicídio sem lhe deixar qualquer oportunidade de defesa.

Historicamente, a violência contra a mulher encontra forças no patriarcado, um sistema hegemônico de poder entre homens e mulheres que inviabiliza, desqualifica, subordina e inferioriza a mulher em detrimento do poder do homem. Nesse cenário, e dentro do plano do ficcional, a personagem Rosa Maria torna-se uma representante, mais uma vítima dentre milhões de mulheres assassinadas diariamente, em muitos dos casos, também, por seus próprios companheiros.

“A toga manchada” revela como a violência está legitimada nas relações interpessoais, independentemente da condição social da vítima ou de seu agressor. No caso da novela, um representante máximo do sistema judiciário.

Nesse sentido, bell hooks (2021, p. 56), afirma:

[...] O feminismo luta para acabar com a opressão sexista. E, assim, está necessariamente comprometido com a erradicação da ideologia de dominação que permeia a cultura em seus vários níveis, bem como com uma reorganização da sociedade em decorrência da qual o autodesenvolvimento das pessoas possa ter primazia sobre o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais.

No pensamento da autora, o movimento feminista tem o papel fundamental de combater a opressão sexista a fim de reduzir a desigualdade social e a violência contra a mulher. Mas para isso é necessário a tomada de consciência da sociedade, o autodesenvolvimento das pessoas e de uma consciência crítica.

Considerações Finais

Diante de exposto, podemos observar como a identidade da personagem estudada na novela engraciana foi construída e apresentada na narrativa. Tida como o outro, Rosa Maria é inferiorizado, coisificada e até mesmo bestializada. Sendo, por fim, dilacerada pela violência, através da instituição de uma dominação masculina, fundada em um pensamento patriarcal, machista e sexista, que ainda permanece em nossas sociedades.

Segundo a autora Regina Dalcastagnè (2005), no artigo “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”:

[...] as personagens femininas tendem a ocupar menos tanto a posição de protagonistas quanto de narradoras. [...] Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres têm menos acesso à voz – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de maior importância (Dalcastagnè, 2005, p. 36).

De acordo com o excerto acima, o que ocorre é o fato de que o narrador e o personagem masculino são majoritários. Podemos acrescentar que os discursos favoráveis e justificadores, frente a seus atos insanos de assassinatos e maus tratos, são constantes na novela aqui estudada. O diálogo, na maioria das vezes, é univocal, somente do personagem masculino, até mesmo para expressar sentimentos, modos e falas das personagens femininas.

Assim sendo, este trabalho apresentou a importância da crítica literária feminista, evidenciando a necessidade da produção do conhecimento no espaço literário; refletiu acerca da situação das mulheres na ficção e na sociedade contemporânea; como também propôs uma nova atitude frente à subordinação imposta às mulheres, sugerindo a quebra dos paradigmas patriarcais para a busca de uma nova identidade.

Há, nesta discussão, material para a crítica feminista se debruçar ainda mais, uma vez que os escritos do prosador e contista ficcional Arthur Engrácio, são carregados de elementos para novas discussões sociais e inovações literárias.

Espera-se que o resultado deste trabalho contribua para a educação emancipadora, para a prevenção da violência contra a mulher e empoderamento feminino na cidade de Porto Velho, uma vez que trata de uma pauta social muito importante no âmbito das políticas educacionais. E que esta pesquisa possa dar visibilidade ao papel da mulher da literatura amazônica, rompendo com as formas de violência existentes na região, por muitas vezes são silenciadas no meio da própria floresta. Recomenda-se que os órgãos governamentais possam dar mais visibilidades às leis de proteção às mulheres, e que os órgãos de controle sejam eficazes, rompendo com os diversos tipos de violências encontradas.

Finalmente, a literatura possui o papel de reconhecer as vozes diversas das mulheres vítimas de violências, e os discursos autoritários, sendo constituidores de sensibilização em relação aos conflitos sociais. Nesse sentido, para o alcance de uma realidade mais justa e menos violenta, a compreensão, promoção e debate da obra literária engraciana, reveladora do

drama, submissão, violência e marginalização da mulher na Amazônia, não são ações apenas importantes ou necessárias, mas fundamentais.

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7380>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ENGRÁCIO, Arthur. A toga manchada. In: ENGRÁCIO, Arthur. **Histórias de submundo**. 2. ed. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ Uninorte, 2005.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Na vaga claridade do luar: história & literatura do movimento madrugada na cidade de Manaus (1954-1967)**”. Curitiba: Appris Editora, 2020.

HARDENBURG, Walter. **O paraíso do diabo: relato de viagem e testemunho das atrocidades do colonialismo na Amazônia**. Tradução de Hélio Rodrigues da Rocha. Santa Catarina: Clube dos Autores, 2019.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2021.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: histórias da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

PISKE, Oriana. **A função social da magistratura na contemporaneidade**. Disponível em <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/artigos-discursos-e-entrevistas/artigos/2010>. Acesso em: 21 fev. 2023.

PRADO, Lúcia Reis de Almeida. **O juiz e a emoção: aspectos da lógica da decisão judicial**. Campinas, SP: Millennium Editora, 2010.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.